

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 164 | Volume 20 | 2023

“Gloria Victis – ainda que tarde!”

Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju

Luiz Carlos Susin

Cadernos *Teologia
Pública*

ISSN 1807-0590 (impresso)

ISSN 2446-7650 (on-line)

Ano XIX | Número 164 | Volume 20 | 2023

“Gloria Victis – ainda que tarde!”
Pelo reconhecimento de santidade de
São Sepé Tiaraju

Luiz Carlos Susin

Frei capuchinho e doutor em teologia pela Pontifícia

Universidade Gregoriana - Roma



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos Teologia Pública é uma publicação do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, que busca ser uma contribuição para a relevância pública da teologia na universidade e na sociedade. A teologia pública pretende articular a reflexão teológica e a participação ativa nos debates que se desdobram na esfera pública da sociedade nas ciências, culturas e religiões, de modo interdisciplinar e transdisciplinar. Os desafios da vida social, política, econômica e cultural da sociedade, hoje, constituem o horizonte da teologia pública.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz
ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Ano XIX – Vol. 20 – Nº 164 – 2023

ISSN 1807-0590 (impresso) | ISSN 2446-7650 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: MS. Ana Maria Casarotti; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Profa. Dra. Susana Rocca.

Conselho científico: Ana Maria Formoso (Pontifícia Universidad Católica de Valparaíso, doutora em Educação); Christoph Theobald (Faculdade Jesuíta de Paris - Centre Sèvres, doutor em Teologia); Faustino Teixeira (UFJF-MG, doutor em Teologia); Felix Wilfred (Universidade de Madras, Índia, doutor em Teologia); Jose Maria Vigil (Associação Eumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, Panamá, doutor em Educação); José Roque Junges, SJ (Unisinos, doutor em Teologia); Luiz Carlos Susin (PUCRS, doutor em Teologia); Maria Inês de Castro Millen (CES/ITASA-MG, doutora em Teologia); Peter Phan (Universidade Georgetown, Estados Unidos da América, doutor em Teologia); Rudolf Eduard von Sinner (PUCPR, doutor em Teologia).

Responsáveis técnicos: Cleusa Maria Andreatta e Guilherme Tenher Rodrigues.

Revisão: Isaque Gomes Correa

Imagem da capa: Sea Water | Pxhere

Projeto Gráfico: Ricardo Machado

Editores: Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).
ISSN 2448-0304
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil



“Gloria Victis – ainda que tarde!” Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju

Luiz Carlos Susin

RESUMO: O artigo pretende apresentar as razões que fundamentam a santidade do indígena guarani Tiaraju, conhecido popularmente como “Sepé Tiaraju”. Recorre, para isso, à complexidade do contexto da época, tendo como critério de interpretação a postura ética diante das responsabilidades que lhe cabiam e o preço de sua defesa das cidades missioneiras, a sua morte em combate. O artigo situa a figura de Tiaraju na história complexa e conflitiva do Rio Grande do Sul, acentua a importância, de modo especial para a Igreja Católica, do reconhecimento de sua santidade em termos de dignidade do povo que guarda sua memória, o povo gaúcho miscigenado que tem muito de herança indígena, bem como para um melhor tratamento da cultura gaúcha, superação de conflitos que poderá, então, se tornar um real “modelo à toda a Terra” (hino rio-grandense).

PALAVRAS-CHAVE: São Sepé. Guerra guaraníca. Gaúcho.



“Gloria Victis – Even if Late!” For the Recognition of the Sanctity of St. Sepé Tiaraju

Luiz Carlos Susin

ABSTRACT: We intend to present the reasons that justify the sanctity of the indigenous Guarani Tiaraju, popularly known as “Sepé Tiaraju.” To do so, we use the complexity of the context of the time, having as a criterion for interpretation the ethical posture in the face of his responsibilities and the price of his defense of the missionary cities, his death in combat. We place the figure of Tiaraju in the complex and conflictive history of Rio Grande do Sul state and emphasize the importance, especially for the Catholic Church, of the recognition of his holiness in terms of dignity to the people who keep his memory, the mixed-race people who have much of indigenous heritage, as well as for better treatment of the Gaucho culture, overcoming conflicts that may it become a real “model for all the Earth” (Rio Grande do Sul anthem).

KEYWORDS: São Sepé. Guaranitic war. Gaucho.



“Gloria Victis – ainda que tarde!” **Pelo reconhecimento de santidade de São Sepé Tiaraju**

Luiz Carlos Susin

Frei capuchinho e doutor em teologia pela
Pontifícia Universidade Gregoriana - Roma

*“Se queres ser universal,
Começa pintando a tua aldeia.”*

Liev Tolstói

A América Latina ou simplesmente as Américas, antes ainda de Colombo e de Cabral, portavam variados e belos nomes, como *Abya Yala* – terra em florescimento – segundo o povo Kuna na região do Panamá; ou então *Pindorama* – terra das palmeiras – dos povos tupis-guaranis do litoral brasileiro. Mas vieram os colonizadores, escravizaram ou simplesmente entregaram os povos originários ao genocídio e trouxe-

ram escravizados milhões de africanos. A partir deste “Novo Mundo” tiveram os insumos – algodão para tecidos, açúcar de cana, café, milho, cacau, batatas, tomate etc., para o comércio e a indústria que modernizou a Europa. Mas sobretudo muito ouro e muita prata para as finanças e os esplendores barrocos dos palácios europeus. A teologia verdadeiramente cristã, aqui, começou com o grito de protesto de Antônio de Montesinos no sermão do quarto domingo de Advento de 1511. E, desde então, são a dor, a resistência, a esperança que dão o que pensar teologicamente. São os rostos dos que hoje andam pela periferia das cidades em ônibus lotados o que se torna “lugar teológico”. A teologia, antes de pretender saber algo de Deus, precisa humildemente buscar e escutar o lugar, o rosto, o evento desde onde Deus revela algo de si mesmo. É assim que o Rio Grande do Sul, um precioso lugar entre tantos outros, tem dois rostos que podem ser perturbadores, mas seu enigma porta a marca de Deus: o Negrinho do Pastoreio, na forma de uma narrativa, e São Sepé, o Tiaraju, um enigma histórico. São o enigma da inquieta identidade gaúcha e a prova de honestidade da teologia nestes pagos.

No bairro Teresópolis, em Porto Alegre, encontra-se a rua Sepé Tiaraju. As placas de esquina completam a informação: “corregedor indígena, defensor da terra missioneira”. Logo adiante, na rua, há um posto de gasolina com o nome: *Sepé Tiaraju*. E mais adiante uma lancheria: *São Sepé*. Há também uma escola, um centro de tradições gaúchas, uma praça: *Sepé Tiaraju*. E levantando o olhar para o mapa do Rio Grande do Sul, ou mesmo examinando-o por internet, não há cidade de médio ou muitas inclusive de pequeno porte, que não tenham algo em seu nome, um assentamento rural

em Viamão, um bairro em Santo Ângelo, uma vila em São Gabriel, até chegarmos a uma cidade inteira, no coração do Rio Grande, que o canoniza em seu próprio nome municipal, a cidade e o município de São Sepé.¹

Acima das controvérsias políticas e das interpretações históricas viciadas pelo olhar luso-açoriano (em confronto histórico com o castelhano) que impediram a ereção de um monumento a São Sepé por ocasião do bicentenário de sua morte, na verdade chegamos aos 250 anos com diversos monumentos, placas, denominações públicas ou de iniciativa popular, e, sobretudo, o reconhecimento oficial de Herói Rio-grandense e de Herói Nacional. Ou seja, ao invés de diminuir, sua fama cresce! *O que deve ser tem força*. Mas por duas

1 Veja-se a interpretação que lhe confere o hino da cidade:

Esta terra tem o ouro que encanta
E ufana a cobiça do estradeiro
Se maior é a relíquia deste povo
Que segura sempre o passo forasteiro.

Bem pertinho, do coração
Do Rio Grande, vivo em ti
Amado *São Sepé*
Recebi no calor de teu abraço
Tanto afeto pra viver de amor e fé.

Lá na bica correm gotas de saudade,
Que beijando esta terra mais querida
Mas quem bebe um só gole de verdade,
Ganha o berço que o ama toda vida.

Tua alma é Praça das Mercês,
Tua gente luta sempre com entono
***Corre ainda de São Sepé o sangue bravo
Pra dizer que esta terra já tem dono!***

razões não se trata de um herói ao modo grego, narrado pelo vencedor e pela lógica do mais forte, que para isso estão nossas ruas e praças com nomes de coronéis e figuras ilustres da sociedade. As duas razões são claras: A primeira, a percepção popular difusa pelo Rio Grande é de que se trata de um “santo” ao modo dos santos católicos, e daqui ocorre o título mais original que lhe é dado com longa insistência: “São Sepé”. E segunda, porque de fato, politicamente e friamente, ele não foi um herói vencedor, foi vítima da política de dois impérios coloniais, juntamente com o povo pelo qual ele era responsável e pelo qual lutou e deu sua vida. Para a lógica dos vencedores, ele é, como o caso de Jesus, um “anti-herói”. A ele cabe bem a homenagem do francês Marius Antonin Mercié com sua dolorosa e serena escultura em memória dos jovens do levante de Paris em 1870: “*Gloria Victis*” (1874) – a vítima erguida por um anjo pronto para o voo, com olhar sereno lançado para um horizonte mais vasto do que a miséria do poder do mais forte.

Melhor ainda, no caso de São Sepé: sua motivação foi profundamente cristã. Como a figura joanina de Cristo sereno em oferecimento de si na cruz transformada de suplício sob o poder mundano em trono de redenção. A cruz de São Sepé interpreta bem a dolorosa, perseverante e resistente memória popular do povo guarani vencido e disseminado de forma resistente na mestiçagem da população gaúcha, de alguma forma identificada com seu santo corregedor, São Sepé. *Gloria Victis*: reconhecimento já secular da cruz de Cristo, cujo sangue derramado sob a aliança de poderes em solo gaúcho tem se revelado um caminho de Páscoa, um *risus paschalis* do povo indígena originário, que é a raiz principal do verdadeiro gaúcho para quem decide

conhecer sem preconceitos a história mais que milenar desta região do mundo.

A memória de santidade de “José”, seu nome cristão de batismo conservada no epíteto *Sepé*, está também tipificada em seu nome guarani “Tiaraju”, um autêntico nome bíblico-guarani, com sentido pascal, nome que se tornou origem de uma narrativa hagiográfica ao estilo “edificante” como as lendas medievais de Santo Antônio e São Francisco ou da mais famosa *Legenda Aurea*. O nome *Tiaraju* significa, em língua guarani, “facho de luz”.² Segundo o poema do mais ilustre dos contadores de histórias populares, Simões Lopes Neto, o facho de luz, o Tiaraju, é “o lunar de sua testa (que) tomou no céu posição!”. De tal forma que quem olha para o Cruzeiro do Sul nas noites abertas do RS vê ali seu altar irradiando desde o céu o que ele foi na terra: a vigilância, o juízo e a decisão, a luz de proteção do “corregedor” do RS – o prefeito, juiz e presidente do *cabildo* da maior das cidades de então, São Miguel das Missões. Como as demais cidades, cobiçada, caluniada e malvista ao mesmo tempo por dois impérios, cidade guarani-cristã já há diversas gerações. Sepé era cristão católico de terceira geração. “Facho de luz”, em uma narrativa pascal como as que se encontram nos textos evangélicos, ele foi estabelecido anjo da guarda

2 A nomeação, segundo a explicação do psicanalista francês Jacques Lacan, é uma investidura, um exercício do poder e indício de uma dívida e uma missão. É um poder de designação de quem nomeia sobre quem é nomeado, dos pais sobre os filhos. Em ambiente cristão, consolidou-se o costume de dar ao recém-nascido o nome do santo do dia, se não como primeiro ao menos como um segundo nome, criando uma relação entre o santo e o nomeado. Em tradições indígenas, inclusive a guarani, é necessário discernir através do sonho, ou de outros sinais, geralmente feito pelo *karaí*, o rezador e pai espiritual da aldeia, qual o nome do recém-nascido. Não está em poder de ninguém da aldeia a nomeação. Depois da cristianização dos guaranis, eles costumam ter o nome social segundo a cultura dominante e o nome guarani que é mantido em segredo.

de um povo inspirado em seu próprio patrono celeste, São Miguel, e que por isso contava com Deus. De fato, a referência de sua missão de guia e luz até a luta trágica foi Deus e seu Arcanjo Miguel, “que deram essas terras ao seu povo” segundo a convicção religiosa dos guaranis cristãos. Por isso só eles – Deus e seu Arcanjo Miguel – poderiam deserdar os filhos desta terra. Esta afirmação conservada na memória narrativa revela a convicção e a motivação que consumou sua missão e sua “caridade política” (*Evangelii Gaudium*, 2015). A partida de São Sepé liderando seus companheiros para a defesa da vida do povo dessas sete cidades tem algo da partida de Jesus para Jerusalém à frente de seus discípulos, ao encontro inevitável de um embate desigual de deuses: o Deus do Reino de Deus, do direito e da justiça, da dignidade, em confronto com um deus do poder imperial português e espanhol, vampiros e sacrificadores coloniais sob o manto legitimador do sagrado cristão. Seu nome ligado ao “facho de luz” de sua testa, o “lunar” que brilhava nele desde seu nascimento, segundo a narrativa, “enquanto seu corpo cai na terra, sobe aos céus e toma posição” (Simões Lopes Neto). Nos céus do sul, na ponta do Cruzeiro do Sul, permanece luz brilhante e orientadora. Tem um claro paralelo com a narrativa pascal, semelhante ao recurso com que os evangelistas contam as aparições brilhantes de Jesus. É, portanto, a narrativa da paixão, morte e ressurreição de um cristão guarani, *protogaúcho*, mártir ao lado dos três jesuítas mártires em meio aos mal-entendidos e injustiças da história, gaúcho diante do qual todo gaúcho está em dívida. Ele agora continua vigilante e protetor do povo que vive desguaritado pelos poderes da sociedade gaúcha, santo do povo sem importância e invisível aos olhos das classes bem-suce-

didadas. É o santo protetor da “opção preferencial pelos pobres” na história desta terra.

A memória dos sete povos missionários encontra-se de forma dolorosa e trágica como um *paraíso perdido* na visão sombria de Érico Veríssimo, em sua trilogia *O tempo e o vento*, na figura originária de Pedro Missionário. O jovem guarani missionário carrega consigo, na dispersão da catástrofe sob os exércitos coloniais, um crucifixo quebrado e um punhal, símbolos da expulsão de um paraíso originário e de uma queda original, um “pecado original” no destino paradoxal do Rio Grande do Sul. O crucifixo é mantido discretamente em oratório sob os cuidados da linhagem de mulheres de geração em geração, enquanto os homens manejam pelos campos a violência herdada, simbolizada no punhal, depois na arma de pólvora e no revólver, num Rio Grande belicoso de identidade inquieta: “Trato todo mundo com muito respeito, mas se alguém me pisar no pala, o meu revólver fala, e o bochincho está feito!”, assim caracterizava o gaúcho nosso famoso compositor e cantor Teixeira.³

Nessa recuperação de memória e dignidade originária, resistente, escondida e envergonhada pela cultu-

3 Cf. o ensaio de Nivaldo Pereira, *Deus morto no Pampa: um olhar sobre a cultura gaúcha a partir da religiosidade no mito fundador* (Caxias do Sul: Biblioteca Pública Municipal Dr. Demétrio Niederaurer, 2008). Neste ensaio, o jornalista e mestre em Letras toma *O Continente*, primeiro volume de *O tempo e o vento*, de Érico Veríssimo, onde localiza o “mito fundador” da cultura complexa, conflitiva e cheia de aparentes incoerências do Rio Grande do Sul. Recorre a três referências para ajudar nessa rica e instigante interpretação: Nietzsche, Jung e o próprio Veríssimo. Segundo Nivaldo Pereira, no rastro de Jung, há a recriação de um passado mítico perdido nos centros de tradições gaúchas (CTGs), onde a ferida mortal é ora enfrentada e ora encoberta de forma sobranceira pela manutenção ritual e literária da “Querência”. Ali até Deus se dobra ou é suplantado pelo gaúcho. A meu ver, o CTG tem algo da Casa de Religião afro, especialmente do batuque/candomblé, para a condição dos afrodescendentes nas Américas.

ra dominante, antes de Érico Veríssimo, Simões Lopes Neto, na mais bela narrativa gaúcha – o “Negrinho do Pastoreio” – evoca sintomaticamente em uma frase, numa preciosa interpolação da memória, o juiz da carreira de cancha reta em que começam as desgraças do negrinho representante de toda uma população escrava sob o peso das charqueadas. Ao final da carreira, o juiz sentencia honestamente, ainda que ele mesmo esteja entre os perdedores da aposta. No dizer de Simões Lopes, o juiz “era um velho do tempo da guerra de Sepé Tiaraju, era um juiz *macanudo*, que já tinha visto muito mundo” (*sic*, no original). É assim, pelos rastros da cultura popular, das denominações, da literatura de fundo oral, que o povo reconhece o “rastro das almas” (Coelho Neto, na publicação do *Negrinho do Pastoreio*), e sabe por uma conatural empatia a respeito da santidade e do valor de pessoas que se tornaram seus reais heróis sem o triunfalismo da história dos vencedores: *gloria victis*, ainda que nas catacumbas verdes do Pampa gaúcho. Por isso o povo simples do Rio Grande já tem Sepé Tiaraju como santo, com seus cânones de *sensos fidei* e seus critérios de santidade e de martírio: São Sepé combateu pela vida do povo e deu a sua própria vida por isso, que não pode ser em vão, porque é de Deus, igual a Jesus. E, com lógica pascal, oposta à lógica do mundo. E por isso é escândalo e pedra de tropeço tornada pedra angular. É testemunha de que o impossível aos homens é possível a Deus. *Quem como Deus?* Aqui, e não nas Cruzadas medievais, vale o axioma que está no nome mesmo do guerreiro angélico São Miguel. *Quis ut Deus?* É possível afirmar que Tiaraju combateu o bom combate (cf. 2 Tim 4, 7-8).

São Sepé, como já mencionado, tem elementos lendários, assim como têm Santo Antônio, São Fran-

cisco, Santa Joana D’Arc, São Sebastião, ou mesmo a Virgem Maria em alguns de seus títulos mais belos. Esse dado, ao invés de depor contra sua história ou criar dificuldades para o reconhecimento de sua real santidade, se torna um “rastro” na busca de correta interpretação da pessoa de carne e osso que lhe está na origem. A narrativa simbólica, mítica, exige uma cuidadosa hermenêutica, a mesma que se aplica aos anjos cantando na noite de Belém, a Jesus andando sobre as águas, ao aparecimento de Jesus ressuscitado no cenáculo e no caminho da Galileia: ele é um critério canônico de interpretação da linguagem simbólico-mítica que diz mais do que a mera historiografia, linguagem da memória que produz sempre de novo a história dos que não estão contemplados na história dos vencedores. Mas há mais informações históricas sobre a pessoa de Sepé Tiarajú do que, por exemplo, do beato Juan Diego, o vidente de Guadalupe beatificado por João Paulo II, ou mesmo de alguns santos do santoral e do martirologio cristão. Sobre ele e sobre os acontecimentos que o envolveram até sua morte, há historiadores contemporâneos a ele ou imediatamente posteriores que dão suas versões dos fatos, mas convergem todos na admiração da virtude de Sepé, reconhecida inclusive por inimigos.⁴

4 Há, por exemplo, o precioso relato histórico do jesuíta Pe. Tadeo Xavier Henis, contemporâneo que acompanhou de perto os dolorosos fatos da derrota das missões, texto em espanhol: *Diario Historico de la Rebelion y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754*. É uma versão ao espanhol, de 1836, do texto latino: *Version castellana de la obra escrita en latin por el P. Tadeo Xavier Henis*, muito ilustrativa para reconhecer a seriedade historiográfica dos acontecimentos que envolveram Tiaraju. É o caso, também, do jesuíta contemporâneo aos fatos, secretário da província do Paraguai, Juan de Escandón, em sua monumental *História da transmigração dos sete povos orientais* (São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisas, 1983). O livro é interessante porque, como apologia dos jesuítas ameaçados pelos poderes políticos, Escandón trata

Pode-se facilmente inferir que o incômodo mais ou menos persistente na consideração oficial de sua santidade está também na perturbação que provocam figuras proféticas: morrendo sob os interesses que continuam, essas figuras proféticas também continuam, como memória, provocando o incômodo que eles provocaram em seu tempo. Um exemplo muito atual é Dom Oscar Romero, assim como foi no começo da colonização da América a figura de Bartolomeu de Las Casas, e no nordeste brasileiro o Padre Cícero. Suas memórias continuam a gritar. Aqui se trata da memória do “mais belo florão dos sete povos”, daquele momento histórico incomparável reconhecido até pelo anticlerical Voltaire como “grande triunfo da humanidade”, o mais feliz momento da evangelização dos povos originários das Américas, que, de resto, foi uma evangelização manchada pelo genocídio e pela escravidão, pelo extermínio cultural e espiritual, diante do qual o Papa Francisco, como já tinha feito João Paulo II, reiterou pedido de perdão por parte da Igreja.

É importante lembrar que Sepé Tiaraju foi cristão desde seu nascimento, cristão ao menos de terceira geração, com pais e avós católicos, educado com esmero desde criança pelos padres jesuítas na cidade de São Miguel, falando, além de sua língua materna, espanhol e um pouco de latim, demonstrando-se apto a ser eleito, como de fato foi, e confirmado pelos padres missionários, “corregedor” de São Miguel, o que hoje

os guaranis como “terceiros” na relação entre os jesuítas e os senhores da política, tanto portugueses como espanhóis. Desta forma, fica clara a sua imparcialidade por seu desinteresse em termos apologéticos em relação aos índios, o que dá mais autoridade às informações realistas a seu respeito, incluindo especificamente Sepé Tiaraju; do lado português, há Basílio da Gama: contamos com seu poema épico *O Uruguay*, que também, por ter uma leitura portuguesa, dá mais autoridade às informações elogiosas a respeito de Sepé Tiaraju e sua causa.

poderíamos interpretar como líder máximo, prefeito, juiz, presidente da câmara – do *cabildo* – e, portanto, realmente encarregado da vida de uma comunidade que abrangia alguns milhares de membros. O título de patrono dos prefeitos lhe cabe bem.

José Tiaraju, em sua responsabilidade máxima, sofreu com o seu povo o decreto de desterro ou morte nas negociações do Tratado de Madri, de 1750. O que era uma negociação de fronteiras e benfeitorias para as grandes potências coloniais, para os guaranis, ainda que fossem cristãos católicos, súditos do rei, vivendo em paz em suas cidades e em suas terras, nas terras da memória de seus antepassados, tal tratado era decreto de morte de milhares de inocentes. Somente alguns padres, mas nem todos, poderiam ainda cogitar que haveria alguma chance, embora difícil, na mudança para a outra margem do rio, mesmo sabendo segundo Escandón, que já não havia terra “realenga” disponível do outro lado. Mas era pior para os guaranis, que só conheciam aquelas terras de seus antepassados e na qual tinham todo o seu mundo, inclusive o que tinham de mais sagrado, a sepultura de seus antepassados. Os chefes guaranis não podiam aceitar a tergiversação de alguns missionários, pois isso seria alta traição aos seus povos e às suas responsabilidades. É comumente ler as cartas hoje disponíveis, datadas de 1753, dos chefes guaranis de cada cidade ao governador de Buenos Aires sobre a reação, o impacto, o pedido sensato de reconsideração, e a forma religiosa, respeitosa, insistente, com clara exposição de motivos indeclináveis, das suas cartas. E, diante da absoluta negativa, a sua firmeza com motivos fortemente justificados. Eles fizeram como Santo Agostinho: até que tivesse uma alma sob seu cuidado, mesmo com os riscos da invasão

bárbara, o bispo devia permanecer.⁵ Ou como o bispo finalmente reconhecido como santo e mártir já referido acima, Dom Oscar Romero: mesmo tendo o convite de Dom Pedro Casaldáliga para vir um tempo ao Brasil enquanto estivesse tão ameaçada a sua vida, decidi permanecer com seu povo que sofria as arbitrariedades e mortes infligidas pela ditadura. Ou também como Irmã Dorothy Stang, o anjo da Amazônia, que preferiu continuar ajudando o povo a se organizar na floresta, mesmo sob a ameaça de morte por parte dos grileiros, até ser morta, de fato, por dois pistoleiros, abraçada à Bíblia. Assim o corregedor Tiaraju partiu por primeiro, quando todos os recursos de diálogo estavam esgotados, para confrontar os dois exércitos que já entravam em suas terras. Tratava-se do último recurso na resistência e na proteção da vida de seus povos, já a única possibilidade em seu horizonte.

Assim, segundo documentação, tanto espanhola como portuguesa – e o próprio épico de Basílio da Gama, *O Uruguay* –, o líder de São Miguel, em meio às reiteradas tentativas de negociações, apresentou-se para uma última tentativa de dissuasão em Rio Pardo, onde já se encontrava o general Gomes Freire de Andrade com o propósito de tomar as cidades guaranis. Tiaraju tinha estado antes em Santa Tecla para 5 Na verdade, a tomada das missões foi mais grave do que as invasões bárbaras no norte da África: Genserico e os vândalos já eram cristãos, embora arianos, ao chegarem ao norte da África, e o que se deu foi um embate com o modo do império romano governar a região, o que explica porque a população constituída de servos, de escravos e trabalhadores daquela região se sentiu mais confortável com a “paz vândala” do que com a “paz romana”. Mas a versão triunfante, passado o século de ouro do reino vândalo, foi a versão romana. E “vândalo” passou a significar o pior tipo de bárbaro, o destruidor. Aqui, ao contrário, o povo guarani cristão era diretamente ameaçado em suas próprias cidades, e, afinal, derrotado pelos interesses dos dois impérios coloniais, que deram depois as suas versões. Para o acontecimento que envolveu Agostinho, cf.: GOURDIN Henri, *Genserico, soleil barbare*. Paris: Méditerranée, 1999.

negociar o recuo dos espanhóis. As conversações, logicamente, fracassaram. Ao corregedor e seus companheiros de São Miguel e das demais cidades restou o caminho da defesa em total desproporção de forças. Os diversos documentos, espanhóis, portugueses e do Pe. Henis coincidem no essencial da morte de Sepé e do massacre indígena.⁶ Escandón descreve o que se encontrou entre os aproximadamente 1.500 guaranis abatidos facilmente pelos dois exércitos em 10 de fevereiro de 1756, na localidade de Caiboaté, estância guarani da antiga São Gabriel, da missão dos Tapes destruída pelas incursões predatórias dos paulistas: eles tinham, junto a seus corpos perfurados, imagens de crucifixos, os nomes de Jesus, de Maria e dos santos inscritos em papéis, para que os santos de Deus fossem protetores contra os que vinham tornar impossível a vida de suas famílias⁷: *Gloria victis!*

Esses fatos mostram em São Sepé, o Tiaraju, um homem que buscou a paz e se encontrou em meio a contradições que decretaram o esmagamento de seu povo, com dois impérios coloniais normalmente em conflito agora unidos para expulsar – este é o verbo afinal utilizado – os guaranis destas suas cidades. Em nome de seu povo ele se levantou utilizando a autoridade moral e religiosa que lhe foi ensinada, com a consciência de que aquelas terras eram o espaço de vida dado pelos antepassados, por Deus e por seus santos patronos, cujo dever de consciência era defender, ainda que isso implicasse a morte. Por isso pode ser realmente comparado a Santa Joana D’Arc e São

6 Os documentos podem ser lidos facilmente em: OLIVEIRA José Roberto de, *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das Missões Jesuítico-Guarani*. 2 ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2011, p. 125-147.

7 ESCANDÓN, *opus cit.*, p. 307 *et seq.*

Luís IX, rei da França. Com alguma vantagem e maior clareza do que os dois grandes santos da identidade católica francesa por ser a sua missão mais clara e com menos ambiguidades, inclusive as suas possibilidades e as suas intenções ou os efeitos colaterais mortais das suas ações na dolorosa decisão do que podemos classificar como “mal menor”, o uso de armas.

A principal injustiça durante os séculos que se seguiram não se deve ao fato de interpretar sua luta diminuindo-a por ser um líder de uma guerra ou de uma cruzada, como afinal foram os santos franceses, pois facilmente se enquadra no que a encíclica *Populorum Progressio* chama de ofensa grave aos direitos fundamentais da dignidade da pessoa e do bem comum que justifica uma insurreição justa (cf. PP 31). A verdadeira injustiça posterior foi um agravante: o triunfo da historiografia oficial e a repressão das origens indígenas e da contribuição africana na formação do Rio Grande do Sul. Com o “branqueamento” das migrações europeias houve o “silenciamento” a respeito da grande maioria de descendentes indígenas e africanos que sobreviveram até nossos dias e jazem nas periferias da civilização hegemônica neste sul do Brasil ainda em dívida e má consciência com sua história.

O reconhecimento da santidade de São Sepé é um clamor de justiça, seja a ele, seja aos descendentes do povo por quem ele deu sua vida de forma extrema, com seu sangue, sob o ódio à justiça e sob o triunfo do poder injusto e sanguinário. Trata-se de um gesto de oferta de redenção aos próprios causadores e de todos os que vivemos nesta terra que ainda maldiz Caim por causa do sangue de Abel derramado nela, maldição que se perpetua através da turbulência da identidade

gaúcha fragmentada e conflituosa. Trata-se também de um gesto de justiça, ainda que tardia, aos descendentes dos povos originários que até hoje jazem espoliados por nós outros que aqui moramos com má consciência todos esses séculos, reprimindo a verdade da nossa história rio-grandense.

Como Igreja *Católica*, trata-se de reconhecer que os guaranis foram católicos antes de nós nesta terra – Tiaraju é da terceira geração de católicos nativos – e que foi um santo católico aquele que deu sua vida por seus irmãos, cumprindo assim o maior mandamento no seguimento de Jesus até a cruz. Por isso, também, trata-se de reconhecer um verdadeiro “mártir” *propter odium justitiae* como foi o próprio Jesus. De fato, Jesus só indiretamente foi mártir por causa da sua fé, ou seja, por causa da forma como testemunhava Deus em si. Diretamente, foi mártir porque foi executado sob os poderes do seu tempo por causa de sua ação pela justiça do Reino de Deus, por suas opções e suas confrontações.⁸ Como Jesus não podia trair sua missão e voltar atrás em Jerusalém, São Sepé não podia trair a sua condição de corregedor e por isso administrador, juiz e defensor político de seu povo em todas as circunstâncias, algo que também ocorreu a São Luís ou Santa Joana D’Arc, como já sinalizei acima, ao se encontrarem em meio a contradições e violência incontornável. E, no entanto, mais transparente do que na complexa ambiguidade em que aconteceram as cruzadas numa das quais morreu o santo que deu fisionomia ao catolicismo francês medieval ou sob os interesses políticos de França e Inglaterra, com os bispos divididos e alcançados pela corrupção de então, no caso de Joana D’Arc. A “cari-

8 Cf. SOBRINO, Jon; Los mártires jesuánicos en el tercer mundo. *Revista Latino-americana de Teología*, n. 48, set-dez. 1999, p. 237-255.

dade política” – expressão que vem acompanhando o ensinamento dos papas desde Paulo VI – se radicalizou em Sepé Tiaraju na exposição de sua vida e em sua morte trágica como máxima figura das missões. Os Estados Unidos, com menos do que isso, tem sua santa indígena e seu santo missioneiro reconhecidos.⁹ Aqui há um mártir.

Para a Igreja Católica o processo de reconhecimento de virtudes heroicas e santidade de São Sepé, José – o Tiaraju, certamente será (ou apenas “seria”?) ocasião de uma nova evangelização, de certo modo mais profunda e autêntica por recuperar aspectos que ainda clamam por justiça, pois se trata de segmentos populares indefinidos mas reais e presentes em grandes majorias, com faces e nomes, que andam em ônibus de periferias, fazem uma porção enorme dos trabalhos braçais e serviços subalternos ou – os que ficaram fora – que ainda jazem à beira de estradas, eles que, naquele paraíso perdido, em seu *Tekohá*¹⁰, seu “ambiente de vida” na república missioneira, podiam fazer cantando seus trabalhos comunitários no *Tupãbaê*¹¹, segundo cartas da época. Na cultura e no biótipo gaúcho – nos traços do rosto, na cor da pele e do cabelo preto e liso – além do negro, afrodescendente, está em grande abundância miscigenado o descendente do indígena originário – é algo tão óbvio no cotidiano social, na antropologia vi-

9 Trata-se de Catarina Tekakwitha, uma indígena “pele-vermelha” que viveu no século XVII, e agora Junípero Serra, missionário nas reduções da Califórnia. Não faltaram questões polêmicas em ambos os casos, como o de Juan Diego de Guadalupe.

10 *Tekohá* (ou *Tekoá*) é o espaço vital da aldeia, incluindo seu território, suas famílias, seus antepassados, seu modo de vida. Fora do *tekohá* não há salvação, como *extra Ecclesia nulla salus*.

11 *Tupãbaê* é o modo de produção, de trabalho e de manejo do território de forma comunitária, normalmente em mutirão. Nas cartas anuais, que eram relatórios dos jesuítas aos seus superiores na Europa, observavam que aos guaranis era comum trabalhar cantando.

sual do povo rio-grandense, que, exatamente por isso e por mecanismos vários de defesa, não se toma a devida consciência do óbvio. Em termos religiosos, esse descendente inumerável não consegue se identificar com a Igreja Católica – nem açoriana e nem romanizada das culturas de migração europeia – por razões culturais e até afetivas óbvias. O lugar que atualmente mais lhe acaba correspondendo em alguma comunidade cristã parece ser o das pequenas comunidades pentecostais, quando, na verdade, nas origens estava já sob o cuidado evangelizador da Igreja Católica e contava com gerações de católicos em cidades pujantes para o período. Em que erramos? Em que continuamos errando? Em que queremos continuar a errar ou afinal acertar?

Seremos capazes realmente de uma honesta e coerente “evangélica opção preferencial pelos pobres”? – Pergunta crucial para uma pastoral e uma teologia libertadora. Essa pergunta vai diretamente ao nosso santo, Sepé Tiaraju: o reconhecimento de sua santidade – servo de Deus e servo do povo de Deus de então – pode ser um sinal de recomeço, a nova e justa evangelização em relação à multidão de gaúchos “peões” – gaúchos “em pé” em ônibus de periferia, de descendência indígena e que permaneceram calados e envergonhados, *desidentificados* da Igreja que os ignorou e deve-lhes justiça e oportunidade de voltar à alegria do evangelho e da comunidade eclesial com seus rostos, sentimentos e cultura. Não é suficiente, como advertiu o descendente missioneiro Pedro Ortaça, cuidar dos monumentos como fonte de turismo e de memória, embora o turismo religioso seja hoje uma ocasião preciosa de evangelização. É que há descendentes do povo de São Sepé Tiaraju clamando reconhecimento,



estima e pão.¹² Conhecer melhor Sepé Tiaraju, com ho-

12 Veja-se o que o payador missioneiro Pedro Ortaça canta:

Sou o que os historiadores
Procuram lá nas ruínas
Mas não sabem os doutores
Que esta saga não termina
Que ainda restam descendentes
Da terra dos sete santos
E o passado está presente
Em tudo aquilo que canto

Não sabem que a esses escombros
Ainda sirvo de escora
E que carrego nos ombros
Trezentos anos de história
Podem pensar que sou louco
Mas eu comprovo na estampa
O que hoje somos poucos
Os fósseis vivos da pampa

Sou filho dos sete povos
Tenho sangue de Sepé
E tudo que digo eu provo
Com juramento de fé
O meu legado é tanto
Nem carece explicações
E até no canto que canto
Ecoa a voz das missões

Guarany fui batizado
E agora pago minhas penas
Sob o símbolo sagrado
Da velha Cruz De Lorena
Porém não sabe que nada
A história do vencedor
Que a lança fez-se guitarra
E o guerreiro payador

nestidade hermenêutica, pode ser uma oportunidade de recomeço, de conversão, de nova evangelização. E pode ter como eixo estimulante o interesse pelo processo de reconhecimento da santidade, do martírio, de um grande cristão que deu sua vida por seus irmãos nas origens do Rio Grande do Sul sob o embate de dois impérios que, de inimigos entre si, se uniram contra o povo originário inocente, tal como Pilatos e Herodes. Tiaraju foi, afinal, um líder cristão e sinceramente católico, dizimado e calado pelos canhões de reinos equivocadamente cristãos e católicos.¹³ Dele o Rio Grande

Pra manter viva a memória

As pedras ganharam nome
E transformaram em história
O que resta desses homens
Pois mais vale a carcaça
De um templo quase no chão
Que os descendentes da raça
Que vagam changueando pão.

13 São Sepé é representado pela iconografia gaúcha como um bravo guerreiro a cavalo, assim como o Negrinho do Pastoreio. São representações paradoxais, que indicam mais uma vez a percepção pascal e a glorificação da vítima – *gloria victis*. O Negrinho, segundo a crença redentora do povo negro escravizado no Rio Grande do Sul, é o que reúne aquilo que foi perdido porque sofreu na sua pele negra e inocente por isso. São Sepé, além de poder ser o padroeiro dos prefeitos, como de fato já é invocado, representa bem a coragem que, segundo a interpretação rigorosa de São Tomás de Aquino, se comprova não só como virtude, mas também como dom do Espírito Santo quando é exercida em situações extremas que comportam a morte: a coragem de morrer por uma causa justa ultrapassa a capacidade da virtude humana, só pode ser dom e sinal de Deus. São Tomás exemplifica não só com o caso do martírio. Para compreender melhor do que se trata, ele exemplifica com a batalha em que se é mais corajoso não quando se está avançando em terreno inimigo, mas quando se deve suportar e combater o inimigo na invasão do próprio terreno. Pois, prossegue o príncipe da escolástica, o inimigo que agride pode cessar, enquanto o que defende deve manter, sem decisão própria, a continuidade de sua luta e de sua fortaleza – justamente, perfeitamente, o caso de São Sepé e de seus companheiros! Cf. *Summa Theologica*, II, II q. 123, a.6.

do Sul pode ganhar um passo importante de redenção da unidade na diversidade superando as exasperações dos confrontos que nos tornam continuamente duais e conflituosos. Absolvidos pela vítima, poderemos ainda nos orgulhar se fizermos agora o nosso dever, se retirarmos os equívocos e injustiças, redimindo assim os nossos próprios antepassados. Reconhecer a santidade não acrescenta nada ao santo, mas se torna um grande benefício à fraternidade universal na Comunhão dos Santos para a qual Jesus derrubou toda fronteira de raça, gênero, língua, nação, e até mesmo religião (cf. Gl 3, 28; Ef 2, 14).

Além disso, as três primeiras Romarias da Terra foram realizadas justamente na data da morte de Sepé Tiaraju, sete de fevereiro, três dias antes da memória do massacre de Caiboaté, na terra de sua Páscoa, em São Gabriel. Tiveram a participação ativa de dois grandes bispos-profetas – Dom Tomás Balduino e Dom Pedro Casaldáliga. É que a memória de São Sepé Tiaraju não cessou de infundir uma mística típica de Reino de Deus para o movimento social, popular e religioso ao mesmo tempo. Revela-se um potencial enorme de verdade e libertação, de agregação de energias de fé e esperança, em busca de uma vida justa segundo os desígnios divinos para o povo de nossa região, a começar pelos mais “pequeninos”, como convém.

Por isso, foi proposta a postulação, os procedimentos iniciais do processo oficial de reconhecimento de santidade por parte da Igreja Católica. O pedido, um escrito de justificação e motivação, com as assinaturas de inúmeros intelectuais, políticos, artistas, historiadores, padres e outros, entre as quais prefeitos e governador, foi entregue ao bispo e à diocese que atualmente

corresponde à região das cidades de São Miguel das Missões e de quase todas as demais cidades missionárias que sofreram o horror da guerra dos impérios contra elas, a diocese de Santo Ângelo. Dadas as objeções por parte do Conselho Presbiteral daquela diocese às quais se juntaram objeções, hesitações e silêncio da maior parte dos bispos do Rio Grande do Sul – o que, aliás, é coerente com nossa compreensão acima –, a proposta foi remetida à diocese onde foi derramado seu sangue, o lugar de martírio, uma opção prevista no ordenamento do processo nos casos em que a morte decide muito sobre a santidade, quando se pode considerar a hipótese de martírio. São Gabriel, lugar em que foi morto Tiaraju, integra a diocese de Bagé. O bispo diocesano, Dom Gílio Felício, acatou imediatamente e apresentou pessoalmente o pedido ao Dicastério da Causa dos Santos, em Roma, que examinou e deu resposta positiva, o *nihil obstat* necessário para constituir a postulação e a comissão adequada de especialistas diversos a fim de examinar a documentação disponível e abrir processo diocesano segundo as normas estabelecidas pela Igreja Católica.¹⁴ Com o advento da pande-

14 Sobre a seriedade da documentação, a título de exemplo, em parte já referido: *Diario Historico de la Rebelion Y Guerra de los Pueblos Guarani, situados en la Costa Oriental del Rio Uruguay, del año de 1754. Version castellana de Pedro De Angelis, de la obra escrita en latin por el P. Tadeo Xavier Henis, de la Compañia de Jesus. 1836 (p. 87): [...] Llegó corriendo a los españoles, que estaban emboscados detrás de las cabeceras llenas de bosque del Rio Vacacay, y esto, acometiendo con un numeroso escuadrón al sobredicho capitán, y á pocos de los suyos, como por defecto del caballo cayese en una fosa que habían hecho los toros, le rodearon ó cercaron, y también á algunos indios que iban corriendo al socorro del capitán; á quien primero con una lanza, y después con una pistola, mataron. Y habiéndole muerto, sus súbditos, aunque cercados, rompieron á fuerza los escuadrones del enemigo, y se pusieron en salvo, quedando muerto uno, si no me engaño, y otro herido: arrojaron el cuerpo ya despojado de todo, y como algunos dicen, lo quemaron con pólvora, mientras aun estaba espirando, y lo martirizaron (sic) de otras maneras.*

mia houve uma interrupção temporária nas reuniões iniciais de uma comissão convocada pelo novo bispo que sucedeu a Dom Gílio na diocese de Bagé, agora Dom Frei Cleonir Paulo Dalbosco, mas o caminho está aberto. Para quem esperou quase trezentos anos, mais alguns serão como mais um dia.¹⁵

Enterraron (con los sagrados cánticos y himnos que se acostumbran en la iglesia, pero sin sacerdote) el cuerpo de su buen, pero muy arrojado capitán, en una vecina selva, habiéndole buscado de noche los suyos con gran dolor, a la medida del amor que le tenían (...). Fue de admirar cuanto cayeron de ánimo los indios con la muerte tan intempestiva de su capitán, en cuyo valor, prudencia y arte, tenían puesta toda su esperanza.

Cf. também: CASTRO, Evaristo Afonso de. *O gigante missioneiro*: poemeto histórico e geográfico. Rio de Janeiro, 1902. Em sua nota explicativa de número 17 (p. 96), diz: “José Sepé, general em chefe do exército Missioneiro, Cacique de grande fama, real prestígio e merecimento; foi fundador da Vila de São Sepé, e julgado Santo invencível pelos seus” (grifo acrescido, provando a constância da percepção de que se trata de um santo martirizado). O livro foi premiado com a Medalha de Ouro na exposição do Rio de Janeiro em 1908.

15 Apresentamos aqui a tradução do documento oficial latino emitido pelo Dicastério da Causa dos Santos, em Roma:

Roma, 24 de abril A.D. 2017

Protocolo N. 3319-1/17

Excelentíssimo Senhor,

Em carta do dia 01 de fevereiro deste ano de 2017, Vossa Excelência pede se desde esta Congregação para a Causa dos Santos, da parte da Santa Sé, há algum impedimento à Causa de Beatificação e Canonização do Servo de Deus José Tiaraju, dito Sepé, leigo cristão, que morreu no ano do Senhor de 1756.

Estudado o assunto, apraz-me notificar em resposta a Vossa Excelência, de parte da Santa Sé, nada obstar (“nihil obstare”) que em relação à Causa de Beatificação e Canonização do mesmo Servo de Deus José Tiaraju se possa realizar o processo, dando atenção às “Normas para observar na Instrução Diocesana das Causas dos Santos”, documento publicado pela própria Congregação em 7 de fevereiro de 1983.

De Vossa Excelência devotado no Senhor,

Ângelo Card. Amato, S.D.B. – Prefeito

+Marcello Bartolucci, Arcebispo titular de Mevanien – Secretário

Ao Exc.mo e Rev.mo Senhor

Dom Gílio Felício

Bispo de Bagé

Esclarecimentos que acompanham o documento oficial:

O título de Servo de Deus: se dá assim que a Causa começa, ou seja, assim que chega ao Bispo o pedido para realizar o Inquérito diocesano por parte do Postulador, que já pode qualificar a pessoa que propõe como “*Servo de Deus*”, portanto antes que o Bispo peça à Santa Sé, ou seja, ao Cardeal Prefeito da Congregação da Causa dos Santos, o *nihil obstat* para o Processo.

Protocolo do Dicastério: o pedido para o *nihil obstat* para o Inquérito diocesano para José Tiaraju, chamado Sepé (cujo número de protocolo é 3319 / 24.04.2017), foi assentado em 16 de fevereiro de 2017. Por parte da Congregação, o *nihil obstat* foi concedido no dia 24 de abril de 2017. Isso significa que o Bispo pode já instaurar com sua própria autoridade o Inquérito diocesano seguindo a normativa relatada na *Sanctorum Mater* (Cf. *site Vatican.va*, Congregação para a Causa dos Santos – n/t.). Quando o Inquérito na diocese está terminado, os atos são enviados a Roma, e então começa a fase romana da Causa. Este é o percurso que deve ser feito.

Luiz Carlos Susin



Luiz Carlos Susin. Frei capuchinho, doutor em teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma, professor e pesquisador no PPG em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS, além de professor da Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana – ESTEF, de Porto Alegre. Foi membro do Comitê de Redação da Revista Internacional de Teologia Concilium por quinze anos (2000-2015) e atualmente atua em seu comitê científico. Foi presidente da Associação de Teologia e Ciências da Religião – SOTER no triênio 1998-201, da qual é cofundador. Foi também secretário-geral do Fórum Mundial de Teologia e Libertação. Integra uma equipe internacional de pesquisa sobre a identidade cristã no mundo pluralista contemporâneo. Entre seus estudos estão *“O negrinho do pastoreio: leitura teológica de uma lenda”*, e *“Aqui se conta: história de N. Sra. de Guadalupe”*.

ENTREVISTAS COM LUIZ CARLOS SUSIN REALIZADAS PELO IHU

- [Por uma teologia da libertação animal. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin e Gilmar Zampieri](#)
- [Fórum Social Mundial: “O que aconteceu em Túnis foi uma sinergia”. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin](#)
- [Morte, amor e saudade. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin](#)



- [FTML: O desafio do pluralismo religioso. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin](#)
- [“Uma sociedade que não respeita religiosamente o Direito e a Justiça não sobrevive”. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin](#)
- [Teologia da Libertação após Aparecida volta ao fundamento? Entrevistas com Luiz Carlos Susin e Érico Hammes](#)
- [Fórum Mundial de Teologia e Libertação: Espiritualidade para um outro mundo possível. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin](#)
- [A mudança de eixo da humanidade. O III Fórum Mundial Teologia e Libertação. Entrevista especial com Luis Carlos Susin](#)
- [Todos morremos incompletos no mergulho insondável do mistério. Entrevista especial com Luiz Carlos Susin e Faustino Teixeira](#)
- [A religiosidade popular na vida do povo e da Igreja. Entrevista com o Frei Luiz Carlos Susin](#)

ARTIGOS DE LUIZ CARLOS SUSIN PUBLICADOS PELO IHU

- [“Coragem! Eu venci o mundo”](#)
- [Funerais em tempos de coronavírus](#)
- [Quebra de paradigma](#)
- [Uma boa surpresa](#)
- [O professor eleito papa continuou ensinando](#)
- [“Quando a peste passar”](#)



- [A economia segundo Francisco. Aspectos principais do pensamento econômico no atual pontificado](#)

NOTÍCIAS COM LUIZ CARLOS SUSIN PUBLICADAS PELO IHU

- [A religiosidade popular na vida do povo e da Igreja. Entrevista com o Frei Luiz Carlos Susin](#)
- [Oscar Romero, um sinal de Deus para nosso tempo. Um depoimento de Luiz Carlos Susin](#)
- [A semântica do sacrifício na obra da salvação](#)
- [Teologia da Libertação: o que significa no contexto atual?](#)
- [A revista Concilium critica o Papa: está com os capitalistas](#)
- [Auschwitz sob o olhar de uma menina, lembrar para não repetir. Mesa Redonda sobre Religião, Violência e Perdão](#)
- [O Papa Francisco e o desafio de revisar o Código de Direito Canônico](#)

EVENTOS COM LUIZ CARLOS SUSIN NO IHU

- [Encíclica Fratelli Tutti: uma leitura franciscariana](#)
- [XIII Simpósio Internacional IHU. Igreja, Cultura e Sociedade: a semântica do Mistério da Igreja no contexto das novas gramáticas da civilização tecnológica](#)
- [Ciclo de Estudos Economia de Francisco Ecologia Integral, Convivialidades e outras Economias](#)



CADERNOS DE TEOLOGIA PÚBLICA

- N. 1 Hermenêutica da tradição cristã no limiar do século XXI – Johan Konings, SJ
- N. 2 Teologia e Espiritualidade. Uma leitura Teológico-Espiritual a partir da Realidade do Movimento Ecológico e Feminista – Maria Clara Bingemer
- N. 3 A Teologia e a Origem da Universidade – Martin N. Dreher
- N. 4 No Quarentenário da Lumen Gentium – Frei Boaventura Kloppenburg, OFM
- N. 5 Conceito e Missão da Teologia em Karl Rahner – Érico João Hammes
- N. 6 Teologia e Diálogo Inter-Religioso – Cleusa Maria Andreatta
- N. 7 Transformações recentes e prospectivas de futuro para a ética teológica – José Roque Junges, SJ
- N. 8 Teologia e literatura: profetismo secular em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos – Carlos Ribeiro Caldas Filho
- N. 9 Diálogo inter-religioso: Dos “cristãos anônimos” às teologias das religiões - Rudolf Eduard von Sinner
- N. 10 O Deus de todos os nomes e o diálogo inter-religioso – Michael Amaladoss, SJ
- N. 11 A teologia em situação de pós-modernidade – Geraldo Luiz De Mori, SJ
- N. 12 Teologia e Comunicação: reflexões sobre o tema – Pedro Gilberto Gomes, SJ
- N. 13 Teologia e Ciências Sociais – Orivaldo Pimentel Lopes Júnior
- N. 14 Teologia e Bioética – Santiago Roldán García
- N. 15 Fundamentação Teológica dos Direitos Humanos – David Eduardo Lara Corredor
- N. 16 Contextualização do Concílio Vaticano II e seu desenvolvimento – João Batista Libânio, SJ
- N. 17 Por uma Nova Razão Teológica. A Teologia na Pós-Modernidade – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 18 Do ter missões ao ser missionário – Contexto e texto do Decreto Ad Gentes revisitado 40 anos depois do Vaticano II – Paulo Suess
- N. 19 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 1ª parte – Manfred Zeuch
- N. 20 A teologia na universidade do século XXI segundo Wolfhart Pannenberg – 2ª parte – Manfred Zeuch
- N. 21 Bento XVI e Hans Küng. Contexto e perspectivas do encontro em Castel Gandolfo – Karl-Josef Kuschel
- N. 22 Terra habitável: um desafio para a teologia e a espiritualidade cristãs – Jacques Arnould
- N. 23 Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann – Paulo Sérgio Lopes Gonçalves
- N. 24 O estudo teológico da religião: Uma aproximação hermenêutica – Walter Ferreira Salles
- N. 25 A historicidade da revelação e a sacramentalidade do mundo – o legado do Vaticano II – Frei Sinivaldo S. Tavares, OFM
- N. 26 Um olhar Teopoeético: Teologia e cinema em O Sacrifício, de Andrei Tarkovski – Joe Marçal Gonçalves dos Santos
- N. 27 Música e Teologia em Johann Sebastian Bach – Christoph Theobald
- N. 28 Fundamentação atual dos direitos humanos entre judeus, cristãos e muçulmanos: análises comparativas entre as religiões e problemas – Karl-Josef Kuschel
- N. 29 Na fragilidade de Deus a esperança das vítimas. Um estudo da cristologia de Jon Sobrino – Ana Maria Formoso
- N. 30 Espiritualidade e respeito à diversidade – Juan José Tamayo-Acosta



- N. 31 A moral após o individualismo: a anarquia dos valores – Paul Valadier
- N. 32 Ética, alteridade e transcendência – Nilo Ribeiro Junior
- N. 33 Religiões mundiais e Ethos Mundial – Hans Küng
- N. 34 O Deus vivo nas vozes das mulheres – Elisabeth A. Johnson
- N. 35 Posição pós-metafísica & inteligência da fé: apontamentos para uma outra estética teológica – Vitor Hugo Mendes
- N. 36 Conferência Episcopal de Medellín: 40 anos depois – Joseph Comblin
- N. 37 Nas pegadas de Medellín: as opções de Puebla – João Batista Libânio
- N. 38 O cristianismo mundial e a missão cristã são compatíveis?: insights ou percepções das Igrejas asiáticas – Peter C. Phan
- N. 39 Caminhar descalço sobre pedras: uma releitura da Conferência de Santo Domingo – Paulo Suess
- N. 40 Conferência de Aparecida: caminhos e perspectivas da Igreja Latino-Americana e Caribenha – Benedito Ferraro
- N. 41 Espiritualidade cristã na pós-modernidade – Ildo Perondi
- N. 42 Contribuições da Espiritualidade Franciscana no cuidado com a vida humana e o planeta – Ildo Perondi
- N. 43 A Cristologia das Conferências do Celam – Vanildo Luiz Zugno
- N. 44 A origem da vida – Hans Küng
- N. 45 Narrar a Ressurreição na pós-modernidade. Um estudo do pensamento de Andrés Torres Queiruga – Maria Cristina Giani
- N. 46 Ciência e Espiritualidade – Jean-Michel Maldamé
- N. 47 Marcos e perspectivas de uma Catequese Latino-americana – Antônio Cechin
- N. 48 Ética global para o século XXI: o olhar de Hans Küng e Leonardo Boff – Águeda Bichels
- N. 49 Os relatos do Natal no Alcorão (Sura 19,1-38; 3,35-49): Possibilidades e limites de um diálogo entre cristãos e muçulmanos – Karl-Josef Kuschel
- N. 50 “Ite, missa est!”: A Eucaristia como compromisso para a missão – Cesare Giraud, SJ
- N. 51 O Deus vivo em perspectiva cósmica – Elisabeth A. Johnson
- N. 52 Eucaristia e Ecologia – Denis Edwards
- N. 53 Escatologia, militância e universalidade: Leituras políticas de São Paulo hoje – José A. Zamora
- N. 54 Mater et Magistra – 50 Anos – Entrevista com o Prof. Dr. José Oscar Beozzo
- N. 55 São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I – Daniel Marguerat
- N. 56 Igreja Introvvertida: Dossiê sobre o Motu Proprio “Summorum Pontificum” – Andrea Grillo
- N. 57 Perdendo e encontrando a Criação na tradição cristã – Elisabeth A. Johnson
- N. 58 As narrativas de Deus numa sociedade pós-metafísica: O cristianismo como estilo – Christoph Theobald
- N. 59 Deus e a criação em uma era científica – William R. Stoeger
- N. 60 Razão e fé em tempos de pós-modernidade – Franklin Leopoldo e Silva
- N. 61 Narrar Deus: Meu caminho como teólogo com a literatura – Karl-Josef Kuschel
- N. 62 Wittgenstein e a religião: A crença religiosa e o milagre entre fé e superstição – Luigi Perissinotto
- N. 63 A crise na narração cristã de Deus e o encontro de religiões em um mundo pós-metafísico – Felix Wilfred



- N. 64 Narrar Deus a partir da cosmologia contemporânea – François Euvé
- N. 65 O Livro de Deus na obra de Dante: Uma releitura na Baixa Modernidade – Marco Lucchesi
- N. 66 Discurso feminista sobre o divino em um mundo pós-moderno – Mary E. Hunt
- N. 67 Silêncio do deserto, silêncio de Deus – Alexander Nava
- N. 68 Narrar Deus nos dias de hoje: possibilidades e limites – Jean-Louis Schlegel
- N. 69 (Im)possibilidades de narrar Deus hoje: uma reflexão a partir da teologia atual – Degislândo Nóbrega de Lima
- N. 70 Deus digital, religiosidade online, fiel conectado: Estudos sobre religião e internet – Moisés Sbardelotto
- N. 71 Rumo a uma nova configuração eclesial – Mario de França Miranda
- N. 72 Crise da racionalidade, crise da religião – Paul Valadier
- N. 73 O Mistério da Igreja na era das mídias digitais – Antonio Spadaro
- N. 74 O seguimento de Cristo numa era científica – Roger Haight
- N. 75 O pluralismo religioso e a igreja como mistério: A eclesiologia na perspectiva inter-religiosa – Peter C. Phan
- N. 76 50 anos depois do Concílio Vaticano II: indicações para a semântica religiosa do futuro – José Maria Vigil
- N. 77 As grandes intuições de futuro do Concílio Vaticano II: a favor de uma “gramática gerativa” das relações entre Evangelho, sociedade e Igreja – Christoph Theobald
- N. 78 As implicações da evolução científica para a semântica da fé cristã – George V. Coyne
- N. 79 Papa Francisco no Brasil – alguns olhares
- N. 80 A fraternidade nas narrativas do Gênesis: Dificuldades e possibilidades – André Wénin
- N. 81 Há 50 anos houve um concílio...: significado do Vaticano II – Victor Codina
- N. 82 O lugar da mulher nos escritos de Paulo – Eduardo de la Serna
- N. 83 A Providência dos Profetas: uma Leitura da Doutrina da Ação Divina na Bíblia Hebraica a partir de Abraham Joshua Heschel – Elcio Verçosa Filho
- N. 84 O desencantamento da experiência religiosa contemporânea em House: “creia no que quiser, mas não seja idiota” – Renato Ferreira Machado
- N. 85 Interpretações polissêmicas: um balanço sobre a Teologia da Libertação na produção acadêmica – Alexandra Lima da Silva & Rhaissa Marques Botelho Lobo
- N. 86 Diálogo inter-religioso: 50 anos após o Vaticano II – Peter C. Phan
- N. 87 O feminino no Gênesis: A partir de Gn 2,18-25 – André Wénin
- N. 88 Política e perversão: Paulo segundo Žižek – Adam Kotsko
- N. 89 O grito de Jesus na cruz e o silêncio de Deus. Reflexões teológicas a partir de Marcos 15,33-39 – Francine Bigaouette, Alexander Nava e Carlos Arthur Dreher
- N. 90 A espiritualidade humanística do Vaticano II: Uma redefinição do que um concílio deveria fazer – John W. O'Malley
- N. 91 Religiões brasileiras no exterior e missão reversa – Vol. 1 – Alberto Groisman, Alejandro Frigerio, Brenda Carranza, Carmen Silvia Rial, Cristina Rocha, Manuel A. Vásquez e Ushi Arakaki
- N. 92 A revelação da “morte de Deus” e a teologia materialista de Slavoj Žižek – Adam Kotsko
- N. 93 O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas – José Oscar Beozzo
- N. 94 Vaticano II: a crise, a resolução, o fator Francisco – John O'Malley
- N. 95 “Gaudium et Spes” 50 anos depois: seu sentido para uma Igreja aprendente –



- Massimo Faggioli
- N. 96 As potencialidades de futuro da Constituição Pastoral
- N. 97 500 Anos da Reforma: Luteranismo e Cultura nas Américas – Vítor Westhelle
- N. 98 O Concílio Vaticano II e o aggiornamento da Igreja – No centro da experiência: liturgia, uma leitura contextual da Escritura e o diálogo – Gilles Routhier
- N. 99 Pensar o humano em diálogo crítico com a Constituição Gaudium et Spes – Geraldo Luiz De Mori
- N. 100 O Vaticano II e a Escatologia Cristã: Ensaio a partir de leitura teológico-pastoral da Gaudium et Spes – Afonso Murad
- N. 101 Concílio Vaticano II: o diálogo na Igreja e a Igreja do Diálogo – Elias Wolff
- N. 102 A Constituição Dogmática Dei Verbum e o Concílio Vaticano II – Flávio Martinez de Oliveira
- N. 103 O pacto das catacumbas e a Igreja dos pobres hoje! – Emerson Sbardelotti Tavares
- N. 104 A exortação apostólica Evangelii Gaudium: Esboço de uma interpretação original do Concílio Vaticano II – Christoph Theobald
- N. 105 Misericórdia, Amor, Bondade: A Misericórdia que Deus quer – Ney Brasil Pereira
- N. 106 Ecclesialidade, Novas Comunidades e Concílio Vaticano II: As Novas Comunidades como uma forma de autorrealização da Igreja – Rejane Maria Dias de Castro Bins
- N. 107 O Vaticano II e a inserção de categorias históricas na teologia – Antonio Manzatto
- N. 108 Morte como descanso eterno – Luís Inacio João Stadelmann
- N. 109 Cuidado da Criação e Justiça Ecológica-Climática. Uma perspectiva teológica e ecumênica – Guillermo Kerber
- N. 110 A Encíclica Laudato Si’ e os animais – Gilmar Zampieri
- N. 111 O vínculo conjugal na sociedade aberta. Repensamentos à luz de Dignitatis Humanae e Amoris Laetitia – Andrea Grillo
- N. 112 O ensino social da Igreja segundo o Papa Francisco – Christoph Theobald
- N. 113 Lutero, Justiça Social e Poder Político: Aproximações teológicas a partir de alguns de seus escritos – Roberto E. Zwetsch
- N. 114 Laudato Si’, o pensamento de Morin e a complexidade da realidade – Giuseppe Fumarco
- N. 115 A condição paradoxal do perdão e da misericórdia. Desdobramentos éticos e implicações políticas – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 116 A Igreja em um contexto de “Reforma digital”: rumo a um sensus fidelium digitalis? Moisés Sbardelotto
- N. 117 Laudato Si’ e os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável: uma convergência? – Gaël Giraud e Philippe Orliange
- N. 118 Misericórdia, Compaixão e Amor: O rosto de Deus no Evangelho de Lucas – Illo Perondi e Fabrizio Zandonadi Catenassi
- N. 119 A constituição da Dignidade Humana: aportes para uma discussão pós-metafísica – Thyeles Moratti Precilio Borcarte Strelhow
- N. 120 Renovação do espaço público: pentecostalismo e missão em perspectiva política – Amos Yong
- N. 121 Viver as Bem-aventuranças numa Igreja em saída – Tea Frigerio
- N. 122 Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental – Colby Dickinson
- N. 123 A sensibilidade religiosa de Thoreau – Edward F. Mooney
- N. 124 Diáconas na Igreja Maronita – Phyllis Zagano
- N. 125 Comportamentos normatizados e a noção de profanação: uma reflexão em Giorgio Agamben – Claudio de Oliveira Ribeiro



- N. 126 Teologalidade das resistências e lutas populares – Francisco de Aquino Júnior
- N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão – Colby Dickinson
- N. 128 O Princípio Pluralista – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 129 Deus e o Diabo na política: compaixão e vocação profética – Ivone Gebara
- N. 130 Deslocamentos genealógicos da economia teológica segundo Agamben – Joel Decothé Junior
- N. 131 A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval – Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Meneses
- N. 132 O pensamento de Jorge Mario Bergoglio. Os desafios da Igreja no mundo contemporâneos – Massimo Borghesi
- N. 133 Os documentos eclesiais pós-sinodais “Familiaris Consortio” de Wojtyła e “Amoris Laetitia” de Bergoglio como respostas aos desafios da pastoral matrimonial – José Roque Junges
- N. 134 A universalidade e o (não) lugar político da Igreja no mundo de hoje. A eclesiolgia da globalização de Francisco – Massimo Faggioli
- N. 135 A ética social do Papa Francisco: O Evangelho da misericórdia segundo o espírito de discernimento – Juan Carlos Scannone S.I.
- N. 136 Amoris Laetitia: aspectos antropológicos e metodológicos e suas implicações para a teologia moral – Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 137 A Teologia da Missão à luz da Exortação Apostólica Evangelii gaudium – Paulo Suess
- N. 138 O pontificado de Francisco e o laicato na missão da Igreja hoje. Avanços e impasses da “parrésia eclesial” – Andrea Grillo
- N. 139 A Opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança? – Austen Ivereich
- N. 140 A liturgia, 50 anos depois do Concílio Vaticano II: marcos, desafios, perspectivas – Andrea Grillo
- N. 141 Franciscus non cantat: Um discurso, alguns percursos e ressonâncias acerca da música litúrgica pós-conciliar – Márcio Antônio de Almeida
- N. 142 Para além do limiar do Templo: apontamentos éticos para uma pastoral em modo on-line – Thiago Isaias Nóbrega de Lucena e José Joanees Souza Oliveira
- N. 143 A Conversão de Agostinho de Hipona, interpretada em reflexões sobre a expressão Intellige Ut Credas – Orlando Polidoro Junior
- N. 144 Teologia Pública e Práxis Pastoral: considerações em vista de uma Pastoral Pública – Luis Carlos Dalla Rosa
- N. 145 O debate sobre o princípio pluralista: um balanço das reflexões sobre o princípio pluralista e suas aplicações – Claudio de Oliveira Ribeiro
- N. 146 Juventudes e vivência ecumênica – Rosemary Fernandes da Costa
- N. 147 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte I – O fim de um mundo? – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 148 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte II – As dores do parto – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 149 Igreja e evangelização: provocações da pandemia. Parte III – Vinho novo, odres novos – Geraldo De Mori, Lucimara Trevizan e Edward Guimarães
- N. 150 O Papa Francisco, a Igreja e a ética teológica. Alguma coisa mudou? – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman
- N. 151 Igreja em saída para as periferias sociais e existenciais. O problema espiritual da missão – Rogério L. Zanini
- N. 152 Fratelli Tutti: um guia de leitura – Gilmar Zampieri
- N. 153 A Igreja e as uniões do mesmo sexo: O Responsum e suas implicações pastorais – Michael G. Lawler e Todd A. Salzman



- N. 154 A Igreja e a união de pessoas do mesmo sexo: O Responsum e a possibilidade de novas abordagens - Andrea Grillo
- N. 155 Gustavo Gutierrez: servidor dos pequenos e teólogo da libertação - José Oscar Beozzo
- N. 156 O ensino moral da Igreja no pontificado do Papa Francisco: avanços, desafios e perspectivas - Todd A. Salzman e Michael G. Lawler
- N. 157 Razão pública e sociedade pós-secular: o diálogo entre cidadãos religiosos e secularizados no pensamento de Jürgen Habermas - Emerson Silva
- N. 158 Valores cristãos, valores seculares e por que eles precisarão um do outro na década de 2020 - Alec Rylie
- N. 159 O grito de abandono de Jesus na cruz e o silêncio de Deus: reflexões à luz do Evangelho de Marcos - Junior Vasconcelos do Amaral
- N. 160 O pós-teísmo como superação dialética do teísmo - Santiago Villamayor
- N. 161 A fé cristã na ressurreição e a crise da linguagem religiosa na pós-modernidade - Ferdinando Sudati
- N. 162 O rio e a cisterna. Superar permanentemente toda forma de teísmo - Paolo Squizzato
- N. 163 Diante de um cristianismo moribundo, a proposta de um cristianismo adulto: um olhar sobre o pós-teísmo - Beatrice Iacopini

 UNISINOS